**CONSCIÊNCIA E SOCIEDADE INDUSTRIAL EM ERICH FROMM**

COLOMBO, Jocineli Polis[[1]](#footnote-1)

KAKTIN, Daniely Ienerich[[2]](#footnote-2)

LUHM, Daiana Cristina[[3]](#footnote-3)

SANTOS, Mayara dos[[4]](#footnote-4)

**RESUMO:** O presente artigo tem como propósito uma análise crítica do texto ‘Conciencia y sociedad industrial de Erich Fromm, que trata sobre questões relacionadas a consciência e a sociedade industrial. Por meio desse texto o autor nos proporciona um novo olhar para se compreender a sociedade, fazendo relações entre a teoria de Karl Marx e de Sigmund Freud.

**Palavras Chave:** Consciência de classe, sociedade industrial, Erich Fromm

**INTRODUÇÃO**

Este trabalho é fruto de atividades realizadas na disciplina de Sociologia realizada no primeiro ano da graduação em Pedagogia. Ele visa uma análise crítica do texto Consciência e Sociedade Industrial de Erich Fromm.

Nesse texto o autor em questão, realiza um resgate histórico sobre o conceito de consciência e inconsciência estudado por Freud estabelecendo um panorama sobre as relações existentes entre consciência e sociedade industrial. Para ele a compreensão da consciência é necessária para compreender aquilo que chamamos de sociedade industrial.

**Consciência e Sociedade Industrial - Erich Fromm**

Para falar sobre Consciência e Sociedade Industrial, é necessário que cada termo seja entendido de forma correta. Iniciando então pela sociedade, Fromm diz ser esta “uma abstração”; “uma entidade específica fundada em forças de produção específicas, modos de produção específicos e relações de classe específicas”.

A consciência na época pré-freudiana era a percepção do que acontecia na própria vida do homem. Não havia nada na mente que não fizesse parte da consciência, ou, ainda, que não fosse consciente. Mas Freud detectou uma vida mental não consciente, em que podemos ter emoções as quais não temos conhecimento, mas que existe fisiológica e mentalmente chamada de inconsciência.. Portanto, consciência significa que temos conhecimento da realidade dentro e fora de nós mesmos. E essa descoberta de Freud foi tão importante que se tornou muito popular, fato talvez um tanto quanto negativo, pois isso fez com que a teoria freudiana adquirisse uma concepção errônea e sua propagação não foi de acordo com o real significado da mesma. Atualmente é muito comum ouvirmos falar do “inconsciente”, porém, o que pensam quando empregam essa palavra não é seu verdadeiro significado.

Podemos considerar um pequeno gráfico estabelecido por Freud, onde o superego está no topo (no sótão), a consciência vem em seguida (primeiro andar) e o subconsciente é o próximo (no porão). E tendo conhecimento disso pensamos que sabemos muito sobre o homem, mas isso não é tão simples como parece. Para o autor não existe o inconsciente (pelo menos não da forma como é pensado), o que existe é ter conhecimento ou não ter conhecimento sobre algo. Ex: “se tenho medo e não tenho conhecimento disso, não tenho consciência do meu medo. Se tenho conhecimento’’, então tenho consciência do mesmo. Então, quando não tenho conhecimento de algo ou não o vejo estou inconsciente? Não exatamente. O inconsciente refere-se ao material não disponível à consciência, ou seja, daquilo que sabemos, mas que está adormecido em nossa mente e que podem voltar a surgir, mas com grande dificuldade. É diferente do não consciente e geralmente quando pronunciamos a palavra inconsciente a utilizamos de forma equivocada. Na verdade não estou consciente (não-consciente), portanto, consciente, não-consciente e inconsciente são funções humanas distintas, mas que por falta de conhecimento são confundidas.

Quando estamos dormindo costuma-se dizer que estamos inconscientes, mas isso não é verdade. O que realmente acontece, segundo o autor, é que neste momento é a consciência do sonho que está vigorando, pois, para ele existem dois tipos de consciência que são a da vigília e a do sonho. A consciência da vigília é o conhecimento da realidade; a preocupação com as responsabilidades; das necessidades de sobrevivência que precisam ser sanadas. Na consciência do sonho o homem está livre dessas preocupações. Freud também faz menções a estas como processo primário (consciência do sonho) que acontece na primeira infância e no sonho (quando se é adulto) e processo secundário que é a vigília em si.

 O sonho não é a única condição do processo primário, mas é a única normal, pois, no sonho podemos dizer que nós nos desligamos da realidade e as preocupações do dia a dia como trabalho, saúde, sustento, etc. não nos afligem e é normal porque acontece independente de nossa vontade. Outras condições em que isso acontece seriam a hipnose, a regressão, o estado psicótico, entretanto, não é considerada normal, pois, como na hipnose, isso é induzido.

Para Freud o que causa a repressão geralmente é um sentimento, sendo o medo o principal, podendo ser consciente ou não consciente. Essa repressão é sofrida pelos indivíduos desde o nascimento e perdura por toda vida. É um processo contínuo, pois, a sociedade sente-se ameaçada e reprime os pais que, por sua vez, reprimem os filhos.

Freud tinha uma ideia ultrapassada da percepção da realidade, acreditando apenas naquilo que é do momento. Para Erich Fromm, vai mais além, sendo complexa, pois, a realidade “é o consenso da maioria, manipulado por aqueles que detêm o poder”.

Ao dizer que a realidade “é o consenso da maioria, manipulado por aqueles que detêm o poder” Erich traz a questão da inconsciência social. Partindo do pressuposto Freudiano de que o consciente tenha uma qualidade racional e o inconsciente uma qualidade irracional, entendemos que a questão da inconsciência social para Erich Fromm esteja relacionada ao ‘irracionalismo de atitudes’, das pessoas que estão alienadas e são facilmente manipuladas por todo tipo de mecanismo que visa conservar a sociedade, dessa forma cada sociedade cria assim uma forma própria de repressão.

O filtro social é o mecanismo que produz a inconsciência social. Ele é responsável por evitar que as experiências se tornem conscientes. É dividido em três elementos que são: linguagem, lógica e tabus sociais.

 A Linguagem é uma manifestação social. É a maneira do mundo se comunicar, seja por meio da fala, escrita ou símbolos. É por meio da linguagem que o homem se expressa e interage com o outro. No texto diz que “Mais do que supõem, as pessoas se baseiam em boatos, na opinião pública ou no consenso” e é nesse sentido que a linguagem se torna um mecanismo do filtro social para produzir a inconsciência.

 A lógica a qual Erich se refere é a lógica dialética, da ambivalência, por meio da qual ele tenta explicar a maneira como a sociedade se compreende e ainda assim, se nega, como ele diz: “é o que é e ao mesmo tempo é a sua própria negação.” Talvez poder-se-ia dizer que a sociedade vai contra os princípios que ela mesmo impõe.

 Os tabus sociais são os medos impostos pela sociedade, em que as pessoas acreditam por serem desconhecidos à elas. São coisas que as pessoas evitam até mesmo discutir, por acreditarem resultar em algum perigo. Sendo um filtro social, os tabus, funcionam como regras que condicionam o comportamento das pessoas na sociedade diante de determinadas situações.

 Erich Fromm ainda fala de um quarto mecanismo, que contribui para a inconsciência social, ao qual chama de “Massa de ficção”, são os meio que visam produzir nos indivíduos uma lavagem cerebral, tornando as pessoas ‘conscientes’ do que veem, porque são capazes de enxergar situações, mas agem como se tudo fosse algo a parte delas. Como se diz popularmente, os fatos tornam-se tão naturais, que ninguém é capaz de dar importância a eles. Recordamo-nos de uma música do cantor Gabriel Pensador chamada Lavagem Cerebral, em que um trecho da música ele traz a seguinte frase:

 “Essa gente do Brasil é muito burra e não enxerga um palmo à sua frente, porque se fosse inteligente esse povo já teria agido de forma mais consciente”.

 É a essa consciência (de ter atitudes revolucionárias) a qual Erich está tentando se referir quando fala do filtro social e a inconsciência que é causada por ele. É por isso que logo em seguida ele diz: “a consciência é, em alto grau, uma ‘falsa consciência’ e, também, que a consciência social é uma percepção da realidade de que não temos conhecimento”.

 A sociedade se utiliza de diversos meios para condicionar comportamentos, mecanismos de repressão aos quais Erich chama a atenção para dois especiais que são o isolamento e o ostracismo.

 O isolamento ocorre quando um indivíduo pensa ou age diferente daquilo que o consenso determinar ser o correto. Ostracismo é o sistema de ameaças e forças, que visa à imposição e a dominação através do medo e do sentimento de culpa, principalmente dos menos favorecidos. Somos seres sociais, dado ao fato que vivemos em uma sociedade, a qual direta e indiretamente impõe padrões, estabelece princípios, levando os indivíduos a crerem que para serem aceitos é necessário seguir ao que é imposto. Determinamos desta forma a nossa consciência. E de acordo com Marx “Não é a consciência do homem que determina o ser, mas, ao contrário, é o ser social que determina a consciência”.

 Segundo Erich o inconsciente pode chegar a ser consciente quando há uma separação entre os interesses da sociedade e de cada indivíduo, todavia, essa separação só é possível a partir do pensamento crítico, capaz de questionar as ideologias sobre as quais a sociedade esta pautada. Esse exercício de tornar consciente o inconsciente tem a condição da crítica social, por meio da qual o homem deixa de ser alienado e passa a entender as relações que permeiam a sociedade industrial, afastando-se do senso comum.

“A consciência do homem da sociedade industrial é uma consciência altamente alienada”. O homem é o ser que produz, transforma a natureza, e consome aquilo que produz e nesse processo, de manipulação e consumo de coisas, o homem torna-se coisa também, no sentido de que, o pensamento alienado torna-o inconsciente a ponto de não entender que sua inconsciência é produzida por ‘si mesmo’. Talvez fosse possível dizer que aqui temos a lógica dialética da contradição e negação, em que o ser humano é consciente de sua inconsciência.

O trabalho é a atividade que por excelência humaniza o homem, mas vimos que a sociedade industrial o desumanizou, pois ele produz e reproduz mecanicamente atividades e comportamentos, sem precisar pensar para isso. O homem perdeu a sua identidade, tornando-se um ser inseguro, que precisa sempre seguir a opinião da maioria para não se sentir reprimido. E é por esse motivo de alienação que o autor levanta uma crítica e um questionamento sobre a definição do homem como ‘sapiens’, ou o ser que sabe. Se talvez por essa alienação ele não tenha perdido essa qualidade de *sapiens*, ainda que continue sendo *homo faber*e *homo consumens.*

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante de tal estudo, foi possível uma ampla análise da situação social, em relação à sociedade industrial a partir da concepção de Erich Fromm. Vimos que a consciência que o autor trata a respeito de pensar criticamente as atitudes sociais, visando uma transformação social. Para que deixemos de ser alienados e deixemos de ser a ‘coisa’ desse sistema, é necessário que essa inconsciência que é consciente seja superada, é necessário atitude de nossa parte. Precisamos resgatar a ideia do homem que sabe e que pensa o que faz, e que não apenas produz e consome.

**REFERÊNCIAS**

FROMM, Erich. “Conciencia y sociedad industrial”, *in* Erich Fromm, *et all*, *La sociedad industrial contemporánea*, trad. de Margarita Suzan Prieto e Julieta Campos, SigloVientiuno Editores, México, 1967, pp. 1-15. Traduzido para o português por Maria Helena Pinheiro de Araújo Pinto. Reproduzido com autorização de Siglo Vientiuno Editores.

GABRIEL PENSADOR. Lavagem Cerebral in Gabriel O Pensador. Chaos, 1993, faixa 5.

1. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Cascavel (2015), professora de educação infantil da Rede Pública Municipal de Ensino de Cascavel - PR. [↑](#footnote-ref-1)
2. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Cascavel (2015), professora de educação infantil da Rede Pública Municipal de Ensino de Céu Azul – PR. [↑](#footnote-ref-2)
3. Aluna do Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Cascavel, professora de educação infantil da Rede Pública Municipal de Ensino de Céu Azul – PR. [↑](#footnote-ref-3)
4. Aluna do Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Cascavel. [↑](#footnote-ref-4)